

“Era uma vez...”
reflexões sobre a representação da infância em versões de Chapeuzinho Vermelho

Cláudia Gisele Masiero

Licenciada em História. Especialista em História Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo. Mestre em Processos e Manifestações Culturais

Cristina Ennes da Silva

Doutora em História. Professora no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais - Universidade Feevale

Resumo

Este estudo tem como tema a representação da infância presente no conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, escrito pelos Irmãos Grimm, no início do século XIX, bem como no filme de animação Deu a Louca na Chapeuzinho (2005). O objetivo é identificar e analisar a concepção de infância representada nesses produtos culturais de tempos e sociedades distintas, buscando compreender semelhanças e diferenças que apresentam, veiculadas, é claro, aos seus respectivos contextos de produção. O tratamento dado às fontes centrou-se na perspectiva de analisá-las sob um aspecto, ou seja, como a protagonista se relaciona com seus pais ou pessoas mais velhas, por meio da metodologia da Análise de Conteúdo. Também se tem por base o conceito de representação social. Dessa forma, reflete-se sobre a infância entendendo-a como uma construção social que pode apresentar transformações segundo tempo e lugar, até mesmo em uma mesma sociedade.

Palavras-chave concepções de infância, narrativas, contos de fadas, cinema.

Abstract

Este estudio tiene como tema la representación de la infancia presente en lo cuento de hadas Chapeuzinho Vermelho, escrito por los hermanos Grimm, a principios del siglo XIX, así como en la película de animación Deu a Louca na Chapeuzinho (2005). El objetivo es identificar y analizar la concepción de la infancia representado en estos productos culturales de tiempos y sociedades distintas, buscando entender las similitudes y diferencias que presentan, vinculando, por supuesto, a sus respectivos contextos de producción. El tratamiento dato a las fuentes se centró en la perspectiva de analizarla en un aspecto, esto es, como la protagonista se relaciona con sus padres o personas mayores a través de la metodología de análisis de contenido. También si tiene por base el concepto de

REVISTA ANGELUS NOVUS

representación social. De esa manera, reflejase sobre la infancia entendiéndola como una construcción social que pueden presentar transformaciones segundo el tiempo y lugar, incluso en la misma sociedad.

Keywords concepciones de la infancia, narraciones, cuentos de hadas, cinema.

Introdução

Era uma vez, em um tempo não muito distante, um mundo onde não havia o sentimento da particularidade infantil. Humanos, grandes ou pequenos, partilhavam das mesmas tarefas, formas de lazer e segredos. Tão logo as crianças adquiriam alguma independência, já participavam igualmente das atividades dos mais velhos.

Foi então que algo diferente aconteceu, a criança passou a ser vista de uma forma particular e a infância surgiu. Não foi igual em todo lugar nem ao mesmo tempo. Foi um longo processo! Um mundo novo foi imaginado para as crianças, no qual estariam protegidas da violência, da promiscuidade e do sofrimento. A infância foi pensada para ser um tempo de inocência e felicidade. A família cada vez mais voltada para a sua privacidade ajudou na construção dessa “infância” e a criança passou a ser o centro das suas atenções, em muitos casos. A escola se voltou para abrigá-la e a educá-la, fornecendo gradativamente o conhecimento para que se tornasse, aos poucos, preparada para a vida adulta em sociedade. Assim, o conceito de infância como se entende atualmente é bastante recente, é uma construção da modernidade. Construção essa que não se consolidou para todas as crianças e sofreu múltiplas influências, que contribuíram para que se transformasse continuamente.

O primeiro impulso para o estudo da história da infância como objeto central ou exclusivo se deu com Phillippe Ariès, na década de 1960. Porém, nas últimas décadas é que a infância vem se constituindo como tema emergente de pesquisa. Segundo Castro,¹ pesquisadores de todo o mundo e de diversas áreas têm se dedicado cada vez mais a ela. Trata-se de uma área relativamente recente e, por isso, é ainda também um campo vasto a ser explorado. Não é, contudo, simples de se estudá-lo, exigindo sensibilidade e atenção por parte do pesquisador. Mesmo a aparentemente simples tarefa de defini-la pode ser uma questão profundamente complexa. Larrosa² problematiza o entendimento que se tem da infância

1 CASTRO, M. G. B. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. In: 16^o COLE, 2007, Campinas. *Anais do 16^o COLE*, 2007.p. 1

2 LARROSA, Jorge. O enigma da infância. In: LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana. Danças, piruetas e*

fazendo pensar que não é o que já sabemos, tampouco o que ainda não sabemos, mas justamente “algo outro”. Desta forma, para o autor, a infância é um enigma.

Por essas razões e partindo dessas indagações, este estudo busca identificar e analisar a representação da infância no conto de fadas dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Vermelho, publicado no início do século XIX. Posteriormente, essa identificação e análise será realizada sobre o filme de animação que é uma releitura do conto referido, *Deu a Louca na Chapeuzinho*,³ lançado no início do século XXI. Com a intenção de contribuir para a continuação e o aprofundamento do estudo da história da infância, entende-se que estes podem ser indicativos do modo como se pensou a infância em cada contexto do qual são procedentes, ou seja, a concepção de infância imaginada.

A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo. Por meio dela se dará o tratamento adequado às fontes de análise. Segundo Bardin,⁴ o maior interesse da Análise de Conteúdo, para além de suas funções heurísticas e verificativas, reside na proposta de alongar o tempo de latência entre as intuições ou hipóteses de partida e as interpretações definitivas, procurando levar à interpretação mais sã e consciente. Ou seja, pensa-se que as várias fases pelas quais passa a análise permitem que o pesquisador realmente se debruce sob o objeto e mature as suas conclusões. As fases da análise de conteúdo, propostas por Bardin⁵ organizam-se em três pólos cronológicos: 1) a pré-análise, quando é delimitado o *corpus* de análise e os objetivos são traçados; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, quando da inferência e da interpretação destes.

A técnica utilizada nesse estudo é a análise categorial, que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”.⁶ Essas unidades podem ser tanto palavras, frases, como temas ou mesmo documentos em sua forma integral. As unidades de análise para a interpretação do conto são

mascaradas. Horizonte/MG: Autêntica, 2010, p. 183-198.

3 DEU A LOUCA NA CHAPEUZINHO. Direção: Todd Edwards, Tony Leech e Cory Edwards. Produção: Murice Kanbar - Kanbar Entertainment. 2005. DVD. 81min.

4 BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

5 Idem.

6 Idem, p. 153

as frases e, para interpretação do filme, as cenas, que remetem a uma categoria: a) a relação da personagem principal da narrativa com seus pais ou com as pessoas mais velhas.

Não se tem a pretensão de analisar o conto ou o filme em si, mas o modo como representam implícita ou explicitamente as concepções de infância. As obras referidas são, portanto, as fontes de análise.⁷ Desde já se reconhece que as conclusões obtidas por meio desta análise não representam a única ideia que se tinha da infância em cada período estudado; são um exemplo dentre uma multiplicidade de modos de ver a criança. A seleção dos produtos culturais que serão analisados se deu, também, a partir da perspectiva da existência dessas narrativas em dois espaços temporais diferentes, ou seja, nos séculos XIX e XXI. Isso permite que se possa refletir sobre as permanências e as alterações, contudo, não se trata de um estudo comparado. Parte-se do fato de que cada uma dessas épocas pensou a infância de uma forma particular.

E quando se fala em representação, é fundamental entender que, segundo Chartier,⁸ o conceito de representação social está ligado ao entendimento do modo como, em diferentes momentos históricos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Alexandre⁹ fala do conceito de representação social como uma modalidade particular, isso porque não é todo “conhecimento” que pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, por meio do senso comum, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. A representação é, portanto, sempre um discurso que quer significar algo e há sempre quem representa e para quem se representa.

Quando a questão é a infância e suas representações é preciso pensar na relação de tensionamento entre o universo adulto e o infantil. Conforme Gouvea,¹⁰ o recurso às fontes

7 Segundo Pinsky (2011), fontes históricas são o material do qual se apropriam os historiadores por meio de abordagens específicas, métodos e técnicas variadas, para tecerem seus discursos históricos. É o olhar do historiador que transforma o documento em fonte.

8 CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

9 ALEXANDRE, Marcus. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*, Rio de Janeiro, v.10, nº 23, p. 122 a 138, julho / dez, 2004.p.126

10 GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: Periodização e fontes. In.

literárias pode tanto contribuir para uma história da infância, ao dar-nos acesso às representações do adulto sobre o mundo infantil, como também para a história da criança, fornecendo pistas sobre as diferentes expressões da cultura infantil. Já quando o Cinema serve de fonte para o estudo da história da infância, o referido autor salienta três pontos. Primeiro, é fundamental considerar o seu caráter memorialístico, em que a infância seria representada à luz do olhar adulto, que, por sua vez, não reconstrói a experiência, mas a ressignifica a partir do presente. Segundo, isso significa considerar a sua dimensão como produto característico da indústria cultural, o qual define condições próprias de produção, circulação e apropriação pelo público. Por último, aponta que no Cinema a imagem assume um significado diferenciado, que se articula no interior de uma narrativa que conjuga os signos verbais e não verbais.

2. Sobre as narrativas

Sabe-se que os contos de fadas, há milênios, “estão presentes na cultura de diversos povos: surgiram nos primórdios da tradição oral, passaram por manuscritos medievais – a maioria deles, anônimos – e chegaram a partir da invenção da prensa até a Literatura”.¹¹ O conto aqui analisado, *Chapeuzinho Vermelho*¹², data do início do século XIX. Na realidade, foi compilado e publicado nessa época pelos Irmãos Grimm. É uma das muitas versões existentes dessa história.

Jacob Ludwig Grimm e Wilhelm Carl Grimm, nasceram na região onde hoje é a Alemanha, na cidade de Hanau, formaram-se em Direito, mas se dedicaram realmente ao Magistério. Foram professores nas universidades de Göttingen e Berlim, também trabalharam em bibliotecas, além de se inclinarem aos estudos linguísticos, folclóricos e históricos, assim como à Literatura. Publicaram o primeiro volume de “Contos das crianças e do lar” em 1812,

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares (Orgs). *Estudos da infância: Educação e práticas sociais*. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.107

11 CANTON, Kátia. *Os contos de fada e a arte*. São Paulo: Prumo, 2009. p. 8

12 Neste estudo trabalhamos com a tradução de David Jardim Junior (2008).

originalmente em língua alemã, seguindo-se o segundo volume em 1815. Esta obra é o resultado de uma vasta pesquisa em manuscritos medievais e através de fontes orais sobre essas narrativas. Não era propriamente Literatura Infantil, pois Hans Christian Andersen é considerado o pai deste gênero, surgido na segunda metade do século XIX. Porém, a contribuição dos Irmãos Grimm é inegável, uma vez que ajudaram a dar os seus contornos. O objetivo era preservar o folclore alemão. Há nessa época, na Europa, uma descoberta da cultura popular, como coloca Burke,¹³ e o estudos dos irmãos Grimm fazem parte desse movimento mais amplo. Sabe-se que “foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus”.¹⁴

O já referido conto narra a aventura de uma menina que, orientada pela mãe, vai fazer uma visita a sua avó adoentada, que mora na floresta. A menina sempre usa um capuz vermelho, ganhado da avó, motivo pela qual todos a chamam de Chapeuzinho Vermelho. A história inicia com a caracterização da personagem principal e segue com o diálogo entre a menina e a mãe, que lhe dá instruções de como deve agir durante o caminho e de como se portar. Mas eis que, no percurso, encontra um lobo que a distrai com o intuito de chegar antes à casa da Vovó para devorar as duas. É o que o animal faz: devora a avó e arma uma emboscada fazendo-se passar por ela para enganar Chapeuzinho. Ao chegar, a menina pressente que há algo de estranho, chama pela avó e como esta não responde, avança para o interior da casa. Vê sobre a cama a Vovó, que é na verdade o lobo disfarçado, e inicia um diálogo. Pergunta sobre as orelhas, os olhos e as mãos que julga serem muito grandes e estranhas, e, quando pergunta sobre a horrível boca, o lobo pula da cama e a engole. Depois de ter saciado o apetite, o lobo acaba dormindo. O seu ronco alto atrai um caçador que estava passando por perto, o qual pensa ser o ronco da Vovó e julga que ela deva estar passando mal e precisando de sua ajuda. Ao entrar na casa, reconhece o lobo, por quem já estava procurando há tempos, e com uma tesoura abre a barriga do bicho e salva ambas. A própria

13 BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

14 Idem, p.26

menina vai em busca de pedras bem grandes para colocar dentro da barriga do lobo, que depois disso foi costurada. Quando o lobo acorda, tenta caminhar, mas cai morto, para alegria dos três. Porém, este ainda não é o final. Chapeuzinho encontra outro lobo em mais uma de suas visitas à casa da Vovó. Porém, desta vez, não se deixa enganar e chega primeiro ao destino, relatando tudo. Juntas preparam uma armadilha para pegar o animal, que atraído ao telhado, acaba caindo em um caldeirão com água quente. A narrativa tem seis personagens: Chapeuzinho Vermelho, sua mãe, Vovó, o caçador e os dois lobos.

Se os contos não se destinavam ao universo infantil, primeiramente, o cinema também não. Merten¹⁵ escreve que, quando a sétima arte surgiu, no final do século XIX, o conceito de infância como idade específica já estava estabelecido, mas a nova mídia não se voltou inicialmente para a criança. O autor ainda acrescenta que os primeiros filmes visavam a uma plateia adulta e que nem mesmo Walt Disney inicialmente tinha consciência de estar produzindo para crianças, sendo que somente nos anos de 1940 é que a sua empresa passa a ser conceituada como uma produtora cultural para crianças. No começo dos anos 1980, ainda segundo Merten,¹⁶ a Disney ingressou na mais tenebrosa crise de sua história, e uma série sucessiva de desastres de bilheteria ameaçou levar à falência a sua produção cinematográfica. Porém, nos 1990, se recuperou e viveu uma década prodigiosa. Os filmes de sucesso foram “A Bela e a Fera” (1991), que já utilizava computação gráfica e “O Rei Leão”, que até hoje é considerado como uma de suas obras-primas. O sucesso da computação foi tão grande que, desde então, passou a ser ferramenta indispensável na animação. “Toy Story” (1995), por exemplo, na metade da referida década, já fora produzido totalmente em ambiente virtual.

Considerando as últimas décadas, é preciso dizer que os filmes de animação tiveram sua produção largamente aumentada. Para além dos Estúdios Disney, outras produtoras cinematográficas passaram a investir nesse gênero. É o caso da DreamWorks, que criou a divisão DreamWorks Animation, da Sony Pictures Animation, da Pixar Animation Studios (pertencente a Walt Disney) e da Blue Sky Studios, para citar as mais conhecidas. Obras

15 MERTEN, Luiz Carlos. Criança e cinema. In.: JACOBY, Sissa. *A criança e a produção cultural: Do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

16 Idem.

MASIERO, Cláudia G. & SILVA, Cristina E. da (...) USP – Ano VI, n. 10, p. 307-328, 2015 cinematográficas como *Shrek* (2001), *A Era do Gelo* (2002), *Procurando Nemo* (2003), *Madagascar* (2005) e *Carros* (2006), possivelmente podem servir para ilustrar o sucesso que esse gênero conquistou ultimamente. Não se pode esquecer que o alcance dessas obras não abrange somente o público infantil.

O filme *Deu a Louca na Chapeuzinho* (2005), está inserido nesse contexto de produção e claramente se inspira no conto Chapeuzinho Vermelho, especificamente na versão dos Irmãos Grimm. Isso porque, a Vovó e Chapeuzinho sobrevivem e não morrem como na versão de Perrault, mas também acrescenta vários outros personagens, entre os quais o inspetor Pirueta, o delegado urso, o esquilo, o coelho e seu grupo de capangas. O caçador é substituído por um lenhador. Além disso, os personagens tradicionais ganham novas configurações. Na sinopse da obra, descrita na contracapa do DVD, tem-se o seguinte texto:

A bicharada está assustada depois que policiais do reino animal receberam denúncias de uma confusão na floresta. A bagunça envolve nada menos do que a Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau e a Vovozinha. Nesta confusão, quem será que conta a verdade? E quem roubou as receitas de doces da Vovó? Se você desconfia de alguém, guarde a informação até o final do filme. Será uma grande surpresa.¹⁷

É assim anunciado, por meio do texto acima, que a obra será emocionante e que apresenta elementos novos em relação ao que já se conhece da história da Chapeuzinho Vermelho. Convida o expectador a auxiliar na solução do mistério que se apresenta e, de certo modo, ao retratar as personagens de maneira diferente, remete à ideia de novidade, ou seja, procura gerar expectativa.

O filme também é iniciado com a fala de um narrador, que se ausenta no desenrolar da história. Sua fala é importante para que se reflita sobre o propósito da obra, sendo assim, ele inicia dizendo:

17 Deu a Louca na Chapeuzinho. Op. cit.

Chapeuzinho Vermelho, você conhece a história, mas toda a história tem sempre mais do que contam. É como aquele velho ditado “Não julgue um livro pela capa, se você quiser saber a verdade, tem que virar as páginas”.¹⁸

Essa fala refere-se ao fato de que a narrativa se desenrola apresentando a versão do lobo, da Chapeuzinho e da Vovó, para o mesmo fato e agrega um elemento novo, que é o roubo de receitas de doces, cometido pelo Bandido Guloso. No longa-metragem, a Vovó é uma das doceiras mais famosas do lugar. Porém, a floresta está em crise. O chamado Bandido Guloso está roubando as receitas de todas as confeitarias e levando-as à falência. Esse fato deixa Chapeuzinho tão preocupada que ela resolve levar o livro de receitas para a casa de sua avó na montanha. Nessa jornada, ela encontra o lobo, que não é mau: é um repórter investigando o Bandido Guloso. Ele desconfia que Chapeuzinho e a Vovó sejam as ladras das receitas, a fim de eliminarem a concorrência. O lobo se dirige à casa da senhora e chega antes da menina. Neste momento, a Vovó já está trancada no armário, depois de um acidente em um pouso com paraquedas. O lobo coloca uma máscara da Vovó, material promocional da confeitaria que estava guardado na casa, e espera pela menina. Assim, a confusão está armada, contando ainda com a presença do lenhador, que na verdade é um ator treinando para um papel, mas que acaba caindo dentro da casa da Vovó, bem nesse momento. A polícia é chamada, e a narrativa segue com cada um contando a sua versão do ocorrido. Ao final, Chapeuzinho descobre que o bandido é o coelhinho, seu amigo e também entregador de bolinhos.¹⁹

3. As narrativas e a representação das concepções de infância

A categoria proposta para a análise das narrativas citadas acima diz respeito à maneira como a personagem principal de cada narrativa se relaciona com seus pais ou com pessoas mais velhas, ou seja, o interesse está em suas relações com o mundo adulto. Proposta

18 Deu a Louca na Chapeuzinho. Op. cit., 0:05s – 0:21s.

19 O filme tem uma continuação, chamado “Deu a Louca na Chapeuzinho 2”, que foi lançado em 2011.

essa que auxilia na percepção de como cada produto cultural representou tais relações e assim, procurou sinalizar, implícita ou explicitamente a maneira como as crianças devem se portar. Ou seja, como procuram direcionar o comportamento delas, uma vez que o comportamento de cada personagem quer significar algo. Entende-se aqui que isso esteja relacionado à concepção de infância que cada produto cultural traz em si, refletindo, de certo modo, o imaginário do seu contexto de produção. Além disso, por meio da análise dessas relações, apresenta-se uma perspectiva do que os adultos esperavam das crianças e esperavam de si, pois também se encontram representados. Sabe-se, como bem coloca Qvortrup,²⁰ que as mudanças de concepções de infância são presumivelmente mudanças de atitude em relação às crianças. Portanto, nas representações elencadas nesta categoria, também se pode refletir sobre as atitudes dos adultos para com as crianças.

A seguir, estão destacadas as frases do conto Chapeuzinho Vermelho, referentes a essa categoria. No quadro, também estão contidas informações quanto ao momento da narrativa de que cada frase foi retirada, facilitando a compreensão dos elementos analisados.

Quadro 1 – Chapeuzinho Vermelho e suas relações

Momento da narrativa	Frases
A mãe aconselhando Chapeuzinho a como se portar na casa da avó	- Chapeuzinho Vermelho, aqui estão um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, para levares para tua avó, que está adoentada e muito fraca. Isso lhe fará bem. Vai antes que o tempo fique muito quente. Anda direitinho, sem correr, e não saias do caminho, pois podes quebrar a garrafa, e sua avó ficará sem o vinho. Quando entrares em seu quarto, não te esqueças de dizer: “Bom dia” e não olhes em todos os cantos, antes disso.
Resposta de Chapeuzinho ao conselho da mãe	- Podes ficar sossegada, mamãezinha, que farei tudo direitinho – disse Chapeuzinho Vermelho.
O diálogo com o lobo	A avó da menina morava no limiar da floresta, a meia légua da aldeia e logo que Chapeuzinho entrou na floresta, um lobo a viu. A menina ignorava que perigosa criatura ele era, e não teve medo. - Bom dia, Chapeuzinho Vermelho – disse ele. - Bom dia, lobo. - Aonde vais tão cedo, Chapeuzinho Vermelho? - À casa de minha avó. - O que trazes nesse cesto?

20 QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como fenômeno social”. *Pro-Posições*. Campinas, v.22, n.1, p. (199-211), jan./abr. 2011. p.205

	<ul style="list-style-type: none"> - Bolo e vinho. Vovó anda doente e precisa se fortalecer. - Onde mora a sua avó, Chapeuzinho Vermelho? - A mais um quarto de légua daqui – respondeu Chapeuzinho Vermelho. – A sua casa fica perto de um grande carvalho e ao seu lado há muitas amendoeiras. Deves conhecê-las.
Conclusão da menina após a vitória sobre o lobo	Chapeuzinho Vermelho, muito alegre por ter escapado, prometia a si mesma: “De agora em diante, jamais me afastarei do caminho, desobedecendo minha mãe”.

Mediante os elementos destacados do conto considerando esta categoria, se vê uma Chapeuzinho amada pela família, que se relaciona bem com a mãe e a avó e que responde educadamente aos adultos que a cercam. Caracteriza-se pela obediência e certa submissão aos mais velhos, como se pode notar pela segunda e pela terceira frases destacadas, quando ela diz que fará “tudo direitinho” e que “jamais” se afastará “novamente do caminho”, para não desobedecer à sua mãe. Tais falas sugerem ainda uma relação de afeição e confiança entre mãe e filha e avó e neta. Nesse caso, a obediência se deve ao fato de que Chapeuzinho reconhece que a mãe estava com a razão. Uma vez que, a experiência traumática e potencialmente fatal, de ter sido engolida pelo lobo, faz com que os conselhos da mãe assumam um significado mais amplo e sejam absorvidos como verdade absoluta.

Por meio da primeira frase destacada, ou seja, quando a mãe aconselha a filha, vê-se representada a preocupação dos pais com a educação dos filhos. Essa questão se insere no contexto social do século XIX, quando os estudos sobre a infância e a família apontam para o fato de que os pais passaram a receber uma carga maior de orientação de médicos e outros profissionais para a criação dos filhos, segundo Heywood.²¹ Progressivamente, estes se consideraram cada vez mais responsáveis pela felicidade e a infelicidade dos filhos, como salienta Badinter.²² Porém, o fato de a menina ter sido designada pela mãe para ir sozinha à casa da avó, enfrentando a floresta, talvez demonstre justamente esse processo de construção do modelo moderno de infância, pois, embora a mãe tenha se preocupado em recomendar que a menina tivesse cuidado, se este já estivesse totalmente consolidado, possivelmente ela não permitiria que fosse sozinha. Por outro lado o que pode ser pensado é que a mãe parece

21 HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.p.97

22 BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.179

ter certeza da validade de seus conselhos, se a filha os seguisse corretamente, não correria perigo. É a representação da certeza de sua autoridade sobre a menina.

Ariès²³ afirma que o sentimento de infância emerge junto ao sentimento de família e que esta contribuiu para a construção da concepção de infância moderna. A organização da família nuclear, mais voltada para si e sua vida particular, confinando-se em um espaço mais limitado, fica evidente por meio das representações das relações familiares.

A relação com o lobo também pode ser analisada, uma vez que segundo Azevedo,²⁴ nessas histórias, as quais descendem da tradição oral, o lobo pode ser perspectivado como um ser adulto, com uma série de competências já desenvolvidas, ao contrário de suas vítimas, que são entendidas geralmente como juvenis. A menina é educada com o lobo e responde a todas as questões que ele faz. Quando Chapeuzinho não segue os conselhos da mãe, na narrativa, se desviando do caminho, parece que o faz mais por ingenuidade do que por intencionalidade, uma vez que é ludibriada por este animal. Mais uma vez, acredita nos mais velhos, pois ignora a perigosa criatura que ele é. Talvez por não perceber o perigo, não tenha se lembrado das orientações da mãe. Contudo, é a representação da inocência que caracteriza o infantil já neste período. Nota-se um tom de respeito diante dos adultos por meio da fala e dos pensamentos da personagem. Há, contudo, a preocupação do conto em enfatizar a importância de a criança ser obediente, pois representa que é com isso que se tem segurança. Os adultos é que possuem a verdade e a autoridade.

Do filme *Deu a Louca na Chapeuzinho*,²⁵ destacaram-se quatro elementos na categoria relação com os mais velhos, que correspondem aos Quadros 2, 3, 4 e 5. As informações nelas contidas dizem respeito à dimensão visual e verbal de cada cena, uma breve sinopse e o tempo em que esta transcorre na narrativa fílmica. Tal organização para a análise


23 ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

24 AZEVEDO, Fernando (Org.). *Infância, memória e imaginário: Ensaio sobre literatura infantil e juvenil*. Braga: Edição CIFPEC (Centro de Investigação em Formação de Profissionais de Educação da Criança – Universidade do Minho), 2010.

25 *Deu a Louca na Chapeuzinho*. Op. cit.

está embasada no estudo de Rose.²⁶ É preciso dizer que como o filme faz várias incursões a um fato ocorrido no passado, ou seja, o roubo das receitas, na visão de diferentes personagens, algumas vezes as cenas parecem não estar na sequência.

Quadro 2 – O mistério do roubo das receitas

	
<p>Sinopse: As personagens da história Chapeuzinho Vermelho, Vovó, lenhador e lobo estão detidas pela polícia, sendo interrogados na sala da casa da Vovó.</p>	
<p>Tempo: 3:18 – 3:33</p>	
Dimensão visual	Dimensão verbal
<p>O delegado e seu ajudante chegam na casa da Vovó, onde se encontram detidos a Chapeuzinho, a Vovó, o lobo e o lenhador, que haviam se envolvido em uma confusão. O delegado conversa com os prisioneiros e por fim, nesta cena, se dirige à menina.</p>	<p>Pelicano: - Seguinte, o grandão entrou quebrando tudo com o machado. O lobo queria almoçar a Chapeuzinho. Delegado: - Entendi! Focinheira no lobo! Lobo: - Peraí, eu posso explicar tudo! Delegado: - Explique tudo pro juiz! Delegado: - Não deveria estar na escola? Chapeuzinho: - Onde está meu advogado!</p>

Chapeuzinho Vermelho é representada visualmente na narrativa fílmica como uma menina, de feições meigas e de baixa estatura. Porém, com exceção do seu capuz vermelho, suas roupas – blusa básica e calça jeans boca de sino – já indicam que não será representada como uma “menininha”, como se verá a seguir.

26 ROSE, Diana. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 343 – 364.

No início da trama, é tida como uma criminoso, detida pela polícia junto aos outros personagens: o lobo, o lenhador e a Vovó, ou seja, como criança que é, não tem um lugar privilegiado, não é tratada de modo diferenciado. Inclusive está algemada como os demais.²⁷ Ela permanece calada enquanto ouve o delegado tirar conclusões “precipitadas” sobre o que ocorreu, ou seja, culpando o lobo pelo roubo das receitas. Mas, quando ele a observa e questiona se ela não deveria estar na escola, logo se defende respondendo com outro questionamento: “Onde está o meu advogado?”. Tal situação representa uma Chapeuzinho de rápido raciocínio e que não se intimida neste momento inicial. Por meio de sua fala, percebe-se que a menina se coloca em condição de igualdade com o delegado, que não só é mais velho, mas também é uma autoridade policial. Se a ela não é dado um tratamento especial, tampouco parece precisar. Seu semblante ajuda a expressar a ironia no tom de sua fala, e sua resposta sinaliza maturidade e que sabe se proteger sozinha. O fato de responder a pergunta fazendo outro questionamento, talvez, represente que a menina sabe que deveria estar na escola. Dessa forma, desvia atenção para esconder que não está fazendo o que deveria, ou seja, frequentar a escola.

Postman²⁸ chama a atenção para o fato de que as crianças desapareceram da mídia. Não que elas não têm sido vistas, mas o fato é que, quando são mostradas, são representadas como adultos em miniatura. Exatamente como ocorre com a representação de Chapeuzinho nesta narrativa fílmica, pois sua relação com os adultos na cena destacada não é de diferenciação, mas de igualdade com as outras personagens. Houve um tempo em que os infantes eram considerados como adultos em miniatura, quando a ideia de infância como época singular ainda não existia. Hoje, a exemplo de Chapeuzinho Vermelho, no filme *Deu a Louca na Chapeuzinho*, a criança também é representada, em muitos casos na mídia, como um mini-adulto, o que exige certa reflexão. Tem-se um paradoxo, porque a concepção de


27 Somente depois disso é que o Inspetor Pirueta vai dizer que ela é só uma menina, que não há necessidade de algemá-la durante o depoimento. Mas as algemas são retiradas também dos demais personagens ao deporem.

28 POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Tradução: Susana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro. Graphia, 1999.

infância protegida também vigora. A seguir, se verá que a avó tenta, em certos momentos, proteger a neta. Mas o fato é que, a representação da personagem, no filme, foi dotada de fala, olhar e atitudes, que a fazem parecer mais velha do que de fato é.

A mãe da menina está ausente nesta história, o que contribui para a ideia de independência da menina. A avó é a única pessoa da família com quem pode contar e esta fica distanciada neste primeiro momento.

Quadro 3 – O encontro com o coelho Boingo

	
<p>Sinopse: Chapeuzinho está pedalando pela floresta, fazendo entregas para a confeitaria da avó, quando o Coelho Boingo pula na cesta de sua bicicleta, e eles começam a conversar.</p>	
<p>Tempo: 6:56 – 7:40</p>	
Dimensão visual	Dimensão verbal
<p>O Coelho vê a menina pedalando e se dirige a ela, pulando de um barranco para dentro da cesta da bicicleta, e eles passam a conversar.</p>	<p>Coelho: - Chapéu... Que roupa bonita, está sempre de vermelho, deve ser alguma moda nova. Chapeuzinho: - E aí Boingo? Não está ajudando o homem dos bolinhos hoje? Coelho: - Ah, ele fechou a confeitaria. Alguém roubou todas as receitas de bolinho dele ontem à noite e eu perdi o emprego. Chapeuzinho: - Que pena Boingo, que coisa mais chata. Você ainda trabalha no bondinho? Coelho: - Sim, sim, ainda! Mas não é tão bom como fazer bolinhos o dia todo, isso eu garanto. Chapeuzinho: - Um pãozinho de cenoura melhoraria o seu astral? Coelho: - Oba, oba! Obrigado Chapeuzinho, sempre posso contar com você. Garotinha... Danada! Chapeuzinho: - É pode ser, mas ainda tenho muita coisa pra fazer!</p>


No Quadro 3, Chapeuzinho se encontra com o coelho Boingo. Os dois são amigos e a menina confia nele, pois acredita no que ele diz, ou seja, que havia perdido o emprego, e até oferece um pãozinho de cenoura para melhorar o astral. Sua representação nesta cena é de

uma menina querida, que dá atenção ao seu amigo. Esse é um dos únicos momentos da narrativa em que ela é representada como cortez e até amável.

Assim como no conto de fadas em que Chapeuzinho é enganada pelo lobo, na animação, a personagem o é pelo coelho. A diferença entre as situações é que na primeira narrativa citada a representação da menina está marcada pela ingenuidade e, na segunda, pela esperteza. O coelho enganou a todos, não somente à ela e no final da trama é ela quem primeiro descobre que ele é o bandido. A novidade do filme está nesta troca de vilão mas, está fundamentalmente, na complexidade da trama para a personagem não parecer tola ao ser enganada por ele. Neste caso, funciona como surpresa para os expectadores, que já conhecem a narrativa tradicional.

Outra questão que pode ser destacada desta cena se relaciona com à última frase dita por Chapeuzinho, “ainda tenho muita coisa pra fazer”. Nesta expressão também está contida a informação de que a menina trabalha fazendo entregas para a confeitaria da avó, mais uma forma de “adultizar” a personagem.

Quadro 4 – A decepção de Chapeuzinho com a Vovó

	
<p>Sinopse: Chapeuzinho fica decepcionada ao saber que sua avó escondia que era praticante de esportes radicais, e as duas se desentendem.</p>	
<p>Tempo: 50:42 – 51:40</p>	
Dimensão visual	Dimensão verbal
<p>Chapeuzinho Vermelho contempla tristemente os troféus e medalhas de sua avó, como esportista radical. Está decepcionada porque de nada sabia sobre tais atividades e sentiu-se enganada. As duas</p>	<p>Vovó: - Querida, não olhe assim pra sua avó! Chapeuzinho: - Ah, desculpe! Pensei que fosse a atleta radical. Policial: - Sinistro!</p>

<p>têm uma conversa difícil, que se inicia diante dos policiais, que saem aos poucos ao perceberem a situação. Ao final dessa sequência, a menina tira o capuz que lhe é tão característico.</p>	<p>[Ruído do policial saindo da sala] Vovó: - Não seja ridícula Chapeuzinho! Chapeuzinho: - Eu estou sendo ridícula? Você está levando “la vida loca”, arriscando a sua vida nessas coisas perigosas e eu tenho que ficar em casa e ser a sua entregadora feliz! Delegado: - Eu tenho que... Inspetor Pirueta: - Parar para o café! Delegado: - É, um café... [Ruído dos policiais conversando ao sair da sala.] Vovó: - Pensei que você fosse feliz. Chapeuzinho: - Poxa, vê se acorda! Eu nunca saí dessa floresta. Você não acha que eu quero mais do que isso para mim? Vovó: - É claro que você quer! Afinal, é uma Pucket. Chapeuzinho: - Eu não sei mais o que significa isso!</p>
--	---

A cena anterior, mostrada no Quadro 4, representa que há uma relação de afeição familiar, tanto que a avó chama carinhosamente a menina de “querida”, no início do diálogo, e lhe olha com ternura. Porém, há um desentendimento entre elas, pois, Chapeuzinho fica sabendo que sua avó não é o que ela imaginava que fosse, ou seja, sua postura não condiz com a representação usual de uma velhinha. Em vez disso, leva uma vida agitada e pratica esportes radicais. A Vovó permanece calma, mas a menina se irrita ao final desse diálogo, o que pode ser visto por suas palavras: “Poxa, vê se acorda!” e, também, por deixar transparecer que não sabe mais o que é pertencer à família. Mais uma vez, pode-se destacar o tom irônico da fala da menina e o enfrentamento à pessoa mais velha.

Chapeuzinho Vermelho se decepciona com a avó não somente porque ela mentiu, mas devido ao fato de esta ter a vida que ela mesma gostaria de ter, ou seja, uma vida com emoções. Quando a avó afirma que pensava que a neta era feliz, em sua resposta, deixa claro que queria mais para a sua vida, que se incomoda em “bancar a entregadora feliz”. O seu trabalho como entregadora e o fato de não se saber se ela frequenta escola – o delegado pergunta se ela não deveria estar na escola, mas ela não responde – ou sobre ter amigos da sua idade, além das roupas que usa, o que já foi falado, situa a personagem mais próxima ao mundo adulto do que ao infantil.


À menina é dada liberdade, pelos adultos que a cercam, de expressar as suas ideias e de questioná-los. O motivo da discussão da cena acima é, primeiramente, a mentira da Vovó,

que portanto, é quem está errada. Chapeuzinho parece ser “adulta”, chamando sua atenção por estar arriscando a sua vida em situações perigosas. Há uma inversão de papéis. Quem se intimida e ouve reclamações é a Vovó, não é mais somente o adulto que é representado como possuidor da verdade, diferente do que, julga-se, é representado no conto de fadas. Nessa narrativa é a menina quem trabalha enquanto a avó tem aventuras incomuns para a idade.

Ao final da cena, tira o capuz vermelho e o joga no chão, atitude que reforça o seu sentimento de decepção. Porém, para que se entenda realmente a intensidade deste gesto é preciso recorrer ao conto de fadas no qual o filme se inspira, ou seja, em Chapeuzinho Vermelho é que está a informação de que quem deu o referido capuz à ela foi a avó. Retirá-lo neste momento simboliza um rompimento nessa relação. O diálogo entre as obras se aprofunda neste ponto.

Ao final da narrativa a harmonia entre as personagens é reestabelecida, conforme a cena descrita no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – A captura do bandido dos doces

	
Sinopse: Vovó e Chapeuzinho ajudam a polícia a capturar o Bandido Guloso.	
Tempo: 1:12:39 – 1:13:03	
Dimensão visual	Dimensão verbal
A Vovó e a Chapeuzinho chegam de paraquedas e são aplaudidas, após ajudarem a prender o Bandido Guloso e seus comparsas. Depois disso, são elogiadas pelo inspetor Pirueta e fazem as pazes.	[Palmas] Inspetor Pirueta: - Nada mal para uma doceira! Vovó e Chapeuzinho: - Obrigada! Vovó: - Eu acho que estava desligada da vida e não vi você crescer tão rápido. Você foi sensacional lá em cima! Chapeuzinho: - Eu aprendi com a minha avó!

No momento de fazerem as pazes Chapeuzinho e Vovó deixam transparecer o forte laço que as une. A menina mostra o seu lado doce, sendo afetuosa e gentil. A expressão de seu rosto representa amor e meiguice. A avó, ao dizer que havia aprendido com ela, evidencia a

importância da neta em sua vida. Esse relato se dá por meio de palavras carinhosas. Cabe destacar que, em parte, tudo ficou bem entre elas porque Chapeuzinho passou também a viver uma aventura. E, não é mais apenas uma entregadora de doces.

O mais interessante nessa cena, porém, é a fala da Vovó dizendo que não havia visto Chapeuzinho crescer tão rápido. Considerando que a personagem é uma criança e que enfrentou o Bandido Guloso da mesma forma que os outros personagens já adultos, atenta mais uma vez para a maturidade acentuada que o filme procura representar. Por outro lado, fica implícito que a avó não compartilhava suas experiências com a neta porque queria protegê-la, via-a como “pequena” e, por isso, não participava desta outra parte de sua vida. Sendo que, não achava que a neta fosse pequena para trabalhar. No conto de fadas a relação familiar é representada como “ideal”, uma vez que a confiança e o afeto entre os personagens perpassa toda a narrativa, embora não represente mais o estereótipo historicamente construído: pai, mãe, filhos. É constituída por avó e neta. No filme, essa confiança em determinado momento é quebrada e depois reestabelecida, talvez, procurando representar relações mais próximas da realidade da sociedade atual, ou seja, que por vezes também são conflituosas.

Por fim, pode-se perceber por meio dos dados obtidos que no conto a personagem principal é majoritariamente representada como ingênua e temente aos adultos que a cercam. Já no filme de animação, em vez da inocência, a personagem principal se apresenta como dona de grande esperteza e independência, por vezes, sua fala tem um tom irônico. Suas atitudes, feições e vestimentas são “adultizadas” e se coloca em condição de igualdade com os adultos. A representação da infância na primeira narrativa representa o processo de construção do chamado modelo moderno de infância, ou seja, a separação do universo adulto e do infantil, resultando na particularidade da criança. O que o conto busca mostrar é que se está seguro quando se segue as orientações dos mais velhos, pois estes é que detêm a verdade. Voltando à animação, observa-se outra proposta, ou seja, apresenta uma criança que questiona e que tem maior liberdade para agir. No filme, a personagem é que dá conselhos a sua avó, o conhecimento deixa de estar somente com os mais velhos. As relações familiares têm importância tanto no conto quanto no filme. Embora a afetividade esteja presente nas

MASIERO, Cláudia G. & SILVA, Cristina E. da (...) USP – Ano VI, n. 10, p. 307-328, 2015

relações estabelecidas em ambas as narrativas, no filme elas são mais problemáticas, Chapeuzinho, a “heroína”, precisa vencer também este conflito para ser “feliz para sempre”.

As questões levantadas neste estudo, acerca da concepção de infância representada em cada uma das narrativas analisadas, são apenas uma parte da reflexão sobre a história da infância em cada período. Porém, é possível considerar que a representação da infância no conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, do início do século XIX, se inclina para caracterizá-la como “ideal”, inocente e obediente. Já no filme *Deu a Louca na Chapeuzinho*, de 2005, se volta para a construção de uma infância ativa, que propõe mais elos com outros grupos sociais, sugerindo uma maior autonomia das crianças em relação as suas ações.

